



Tradução
Bárbara Menezes



Minha irmã Greta e eu seríamos pintadas em um retrato pelo nosso tio Finn naquela tarde porque ele sabia que estava morrendo. Isso foi depois de eu entender que eu não cresceria e me mudaria para o apartamento dele para morar lá com ele pelo resto da minha vida. Depois que parei de acreditar que a coisa toda da AIDS era algum tipo de erro grande. Quando ele pediu pela primeira vez, minha mãe disse não. Ela disse que havia algo de macabro nisso. Quando pensou em nós duas sentadas no apartamento de Finn com suas janelas enormes e o aroma de lavanda e laranja, quando pensou nele olhando para nós como se pudesse ser a última vez que nos veria, ela não aguentou. E, disse, era um caminho longo para dirigir do norte de Westchester até Manhattan. Cruzou os braços na frente do peito, olhou direto para os olhos azuis-passarinho de Finn e disse a ele que simplesmente era difícil encontrar tempo naqueles dias.

– Nem me fale – disse ele.

Foi isso que a desmontou.

Agora, tenho 15 anos, mas ainda tinha 14 naquela tarde. Greta tinha 16. Era 1986, final de dezembro, e estávamos indo à casa de Finn uma tarde

de domingo por mês havia seis meses. Sempre éramos apenas minha mãe, Greta e eu. Meu pai nunca foi e estava certo em não ir. Ele não era parte daquilo.

Eu me sentei na fileira de bancos do fundo da minivan. Greta se sentou na fileira à minha frente. Tentei arrumar dessa forma para que eu pudesse olhar para ela sem ela saber. Observar pessoas é um bom hobby, mas você precisa ter cuidado. Não pode deixar que as pessoas o peguem olhando. Se o pegam, elas o tratam como um criminoso de primeira grandeza. E talvez estejam certas em fazer isso. Talvez devesse ser crime tentar ver nas pessoas coisas que elas não querem que você veja. Com Greta, eu gostava de observar a forma como seu cabelo escuro e liso refletia o sol e a maneira como as pontas dos óculos pareciam duas pequenas lágrimas perdidas, escondidas logo atrás das orelhas dela.

Minha mãe tinha sintonizado na KICK FM, a estação de country, e, embora eu não goste muito desse tipo de música, às vezes, se você deixar, o som de todas aquelas pessoas cantando com tanta emoção pode trazer à mente antigos churrascos em família no quintal e encostas de morros nevados com crianças em trenós e jantares de Ação de Graças. Coisas que fazem bem. Por isso minha mãe gostava de ouvir essa rádio no caminho para a casa de Finn.

Ninguém conversava muito naquelas viagens até a cidade. Eram apenas o deslize macio da van e a música country sentimental e o Rio Hudson cinza com a maciça Nova Jersey cinza do outro lado. Eu ficava de olho em Greta o tempo todo porque isso me fazia parar de pensar tanto em Finn.



A última vez que o visitamos foi em um domingo chuvoso de novembro. Finn sempre fora magro — como Greta, como minha mãe, como eu queria ser —, mas, naquela visita, vi que ele passara para uma categoria

totalmente nova de magreza. Os cintos estavam muito grandes e, assim, em vez deles, ele amarrou uma gravata verde-esmeralda em volta da cintura. Eu estava olhando para aquela gravata, perguntando-me quando ele poderia tê-la usado pela última vez, tentando imaginar que tipo de ocasião teria sido apropriada para algo de cor tão viva e tão iridescente quando, de repente, Finn tirou os olhos da pintura, o pincel parado no ar, e disse para nós:

– Não vai demorar muito agora.

Greta e eu fizemos que sim com a cabeça, embora nenhuma de nós soubesse se ele estava falando da pintura ou de sua morte. Mais tarde, em casa, eu disse à minha mãe que ele parecia um balão esvaziado. Greta disse que ele parecia uma pequena mariposa cinza enrolada na teia de uma grande aranha cinza. Isso porque tudo em Greta é mais bonito, até mesmo a forma como ela diz as coisas.

Era dezembro, então, a semana antes do Natal, e estávamos presas no trânsito perto da Ponte George Washington. Greta virou-se no banco para olhar para mim. Ela me lançou um sorrisinho torto e colocou a mão no bolso do casaco para tirar um pouquinho de visgo. Fizera isso nos dois Natais anteriores, carregara um pedaço de visgo por aí para pular nas pessoas com ele. Ela o levava para a escola e nos aterrorizara em casa com isso. Seu truque favorito era chegar escondida atrás dos nossos pais e depois pular segurando o visgo sobre a cabeça deles. Eles não eram do tipo que mostra carinho em público, e, por isso, Greta adorava forçá-los a isso. Na van, ela balançou o visgo no ar, passando-o bem na minha cara.

– Espere só, June – disse. – Vou segurar isto em cima de você e do tio Finn e, aí, o que você vai fazer?

Sorriu para mim, esperando.

Eu sabia o que ela estava pensando. Eu teria de ser grosseira com Finn ou me arriscar a pegar AIDS, e ela queria me ver decidir. Greta sabia o tipo de amigo que Finn era para mim. Sabia que ele me levava

para galerias de arte, que me ensinara a suavizar meus desenhos de rostos apenas esfregando o dedo pelas linhas dos lápis. E sabia que ela não fazia parte de nada disso.

Encolhi os ombros.

– Ele simplesmente vai me beijar no rosto.

Porém, mesmo enquanto eu dizia isso, pensei em como os lábios de Finn estavam sempre rachados em retalhos naquela época. Como às vezes havia pequenos cortes onde eles começavam a sangrar.

Greta inclinou-se, descansando os braços no encosto do assento dela.

– É, mas como você vai saber se os germes de um beijo não podem entrar pela pele da sua bochecha? Como vai ter certeza de que eles não podem de alguma forma nadar para o seu sangue passando pelos poros abertos?

Eu não sabia. E não queria morrer. E não queria ficar cinza.

Encolhi os ombros de novo. Greta virou-se de volta no banco, mas, mesmo por trás, eu conseguia ver que ela estava sorrindo.

Começou a chover granizo, e as pequenas pepitas de gelo molhado espirravam contra a janela enquanto passávamos de carro pelas ruas da cidade. Tentei pensar em algo bom para responder a Greta, algo para fazê-la saber que Finn nunca me colocaria em perigo. Pensei em todas as coisas que Greta não sabia a respeito dele. Como a maneira como ele me contara que o retrato era apenas uma desculpa. Que ele vira a minha expressão na primeira vez que tínhamos ido lá para uma sessão de pintura. Que ele esperara que minha mãe e Greta fossem na frente para a sala de estar e, naquele momento, quando estávamos apenas os dois no estreito corredor dentro do apartamento de Finn, ele colocara a mão no meu ombro, inclinara-se e sussurrara no meu ouvido:

– De que outra forma eu conseguiria todos estes domingos com você, Crocodilo?

Porém, aquilo era algo que eu nunca poderia contar a Greta. Em vez disso, quando estávamos na garagem mal-iluminada, saindo da van, soltei:

– De qualquer forma, a pele é à prova d’água.

Greta apertou a porta com delicadeza para fechá-la e, depois, contornou a traseira da van até o meu lado. Ficou parada lá por alguns segundos, me encarando. Encarando meu corpo grande e desengonçado. Puxou as alças da mochila para apertá-las contra seus pequenos ombros de pardal e balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Acredite no que quiser – disse, virando-se e indo para a escada.

Aquilo era impossível, e Greta sabia. Você podia tentar acreditar no que quisesse, mas nunca funcionava. Seu cérebro e seu coração decidiam no que você ia acreditar e pronto. Gostasse você ou não.

Minha mãe passava as horas na casa do tio Finn na cozinha, fazendo chá para nós em um magnífico bule russo, que era colorido em dourado e vermelho e azul, com pequenos ursos dançarinos gravados em volta das laterais. Finn dizia que o bule era reservado para servir chá às suas pessoas favoritas. Sempre estava esperando por nós quando íamos lá. Da sala de estar, podíamos ouvir minha mãe organizando os armários de Finn, tirando jarros e latas, pratos e canecas e colocando-os de volta. De vez em quando, ela saía para nos dar o chá, que geralmente ficava frio porque Finn estava ocupado pintando e Greta e eu não podíamos nos mexer. Em todos aqueles domingos, minha mãe mal olhava para Finn. Era óbvio que ela estava sendo quebrada em pedaços porque seu único irmão estava morrendo. Mas, às vezes, eu achava que havia mais. Ela também nunca olhava para a pintura. Vinha, apoiava o bule de chá e passava direto pelo cavalete, esticando o pescoço para o outro lado. Às vezes, eu achava que não tinha nada a ver com Finn. Às vezes, parecia que eram as telas, os pincéis e a tinta que ela estava tentando não ver.



Naquela tarde, nós ficamos sentadas por uma hora e meia enquanto Finn nos pintava. Ele tinha colocado para tocar o *Requiem* de Mozart,

que Finn e eu adorávamos. Embora eu não acredite em Deus, ano passado convenci minha mãe a me deixar entrar no coral da igreja católica da nossa cidade só para poder cantar *Kyrie*, de Mozart, na Páscoa. Eu nem mesmo sei cantar de verdade, mas acontece que, se você fechar os olhos enquanto canta em latim e se ficar bem no fundo para poder manter uma mão contra a parede de pedra fria da igreja, pode fingir que está na Idade Média. Por isso fiz aquilo. Por isso estava nessa.

O *Requiem* era um segredo entre mim e Finn. Apenas nós dois. Nem precisávamos olhar um para o outro quando ele o colocava. Ambos entendíamos. Ele havia me levado a um concerto em uma linda igreja na 84th Street certa vez e me dissera para fechar os olhos e escutar. Foi quando o ouvi pela primeira vez. Foi quando eu me apaixonei por essa música.

– Ela vai subindo por você, não vai? – ele dissera. – Ela a faz ficar calma, pensando que é agradável e inofensiva, só vem no seu passo irregular e, de repente, bum, lá está ela, erguendo-se toda ameaçadora. Toda em tambores grandes e cordas agudas gritando e vozes sombrias e profundas. Depois, com a mesma rapidez, ela diminui de novo. Viu, Crocodilo? Viu?

Crocodilo era um nome que Finn inventara para mim porque dizia que eu era como algo de outra época que ficava à espreita, observando e esperando, antes de tomar uma decisão sobre as coisas. Eu adorava quando me chamava assim. Ele ficara sentado naquela igreja tentando garantir que eu entendera a música.

– Viu? – repetira.

E eu vi. Pelo menos pensei ver. Ou talvez tenha apenas fingido que vi, porque a última coisa que queria era que Finn pensasse que eu era idiota.

Naquela tarde, o *Requiem* flutuou por cima de todas as coisas bonitas do apartamento de Finn. Seus tapetes turcos macios. A velha cartola de seda com o lado gasto virado para a parede. Aquele grande e velho pote Mason cheio até o topo com todas as cores e estampas possíveis de

palhetas de violão. Finn as chamava de palhetas em conserva porque as guardava naquele pote de comida. A música flutuava pelo corredor e passava pelo quarto dele, que estava fechado, privado, como sempre. Minha mãe e Greta não pareciam reparar na maneira como os lábios de Finn se mexiam junto com a música: *voca me cum benedictus... gere curam mei finis...* Elas não faziam nem ideia de que estavam ouvindo uma música de morte, o que era bom, porque, se minha mãe soubesse o que era, teria desligado na hora. Na. Hora.

Depois de um tempo, Finn virou a tela para podermos ver o que havia feito. Era algo importante, pois era a primeira vez em que ele nos deixava ver a pintura de verdade.

– Olhem com mais atenção, meninas – disse.

Ele nunca conversava enquanto trabalhava, e, assim, quando enfim falou, sua voz foi apenas um sussurro fino e seco. Um pequeno tremor de constrangimento atravessou o rosto dele, e, depois, ele pegou uma xícara de chá frio, deu um gole e limpou a garganta.

– Danni, você também, vem aqui, vem ver.

Minha mãe não respondeu, e então Finn a chamou na cozinha de novo.

– Vem. Só por um segundo. Quero ver o que você acha.

– Depois – ela gritou de volta. – Estou no meio de uma coisa.

Finn continuou olhando na direção da cozinha como se esperasse que ela mudasse de ideia. Quando ficou óbvio que não mudaria, ele franziu as sobrancelhas e, depois, virou-se de volta para a tela.

Ele se empurrou para levantar da velha poltrona azul em que sempre pintava, tremendo enquanto colocava a mão no encosto por um segundo, equilibrando-se. Deu um passo para trás, e pude ver que, além da gravata verde na cintura, a única cor que Finn tinha estava nas pequenas manchas de tinta por todo o avental branco. As cores de Greta e minhas. Senti vontade de arrancar o pincel da mão dele para poder colori-lo outra vez, pintá-lo para ser como era antes.

– Graças a Deus – Greta disse, alongando os braços acima da cabeça e dando uma balançada no cabelo.

Fiquei olhando o retrato. Vi que Finn me colocara levemente no primeiro plano, apesar de não estarmos sentadas daquela forma, e sorri.

– Não está pronto... está? – perguntei.

Finn se aproximou e ficou parado perto de mim. Ele tombou a cabeça e olhou para o retrato, para a Greta pintada e, depois, para mim, pintada. Piscou, olhando bem nos olhos daquela outra eu. Inclinou-se até seu rosto quase tocar a tela molhada, e eu senti arrepios picarem meu braço.

– Não – respondeu, balançando a cabeça de um lado para o outro, ainda encarando o retrato. – Não exatamente. Você vê? Falta alguma coisa. Talvez alguma coisa no fundo... Talvez um pouco mais no cabelo. O que você acha?

Soltei a respiração e relaxei o peito, incapaz de conter um sorriso. Fiz que sim, balançando a cabeça.

– Eu também acho. Acho que temos que vir mais algumas vezes.

Finn sorriu de volta e esfregou a mão pálida pela testa pálida.

– Sim, mais algumas – falou.

Ele perguntou o que achávamos da pintura até então. Eu disse que estava fantástica e Greta não disse nada. Ela estava de costas para nós. Não estava nem olhando o retrato. As duas mãos estavam no bolso, e, quando ela se voltou devagar, seu rosto estava sem emoção. Greta tem uma característica. Ela consegue esconder tudo o que está pensando. Só sei que, em seguida, tirou o visgo do bolso e ficou em pé, levantando-o em uma mão. Ela o empurrou para a frente e para trás como se estivesse cortando o ar acima das nossas cabeças, como se estivesse segurando alguma coisa melhor do que apenas um punhado de folhas e frutinhas de Natal. Finn e eu olhamos para cima e meu coração apertou. Nós nos olhamos pelo mesmo tempo de, talvez, um grão de areia em uma ampuhlheta ou uma gota de água em uma pia com vazamento e Finn, meu *tio*

Finn, me leu – zap – rapidinho. Naquele pedacinho de segundo, ele viu que eu estava com medo, inclinou minha cabeça e me beijou na parte de cima do cabelo com um toque tão leve que poderia ter sido uma borboleta pousando.



No caminho para casa, perguntei a Greta se ela achava que eu podia pegar AIDS pelo cabelo. Ela encolheu os ombros e, depois, virou-se e olhou para fora da janela pelo restante do caminho.

Coloquei xampu três vezes no cabelo naquela noite. Depois, me enrolei em toalhas, rastejei para debaixo dos cobertores e tentei dormir. Conteí ovelhas e estrelas e folhas de grama, mas nada funcionou. Tudo em que eu podia pensar de novo e de novo era em Finn. Pensei no beijo suave dele. Pensei em como, por apenas um segundo, bem enquanto ele se inclinava para mim, AIDS e Greta e minha mãe tinham desaparecido da sala. Éramos apenas Finn e eu no menor dos pequenos momentos, e, antes de conseguir me controlar, perguntei-me como seria se ele realmente beijasse meus lábios. Sei o quanto isso é nojento, quão desagradável, mas quero contar a verdade, e a verdade é que fiquei deitada na cama naquela noite imaginando o beijo de Finn. Fiquei deitada na cama pensando em tudo no meu coração que era possível e impossível, certo e errado, pronunciável e impronunciável, e, quando todos esses pensamentos tinham ido embora, apenas uma coisa restou: a saudade terrivelmente grande que eu sentiria do meu tio Finn.